

# De recesso e de porquinhos de olhos verdes

CORREIO BRAZILIENSE

20 JAN 2006

P19



**JOSÉ SARNEY**

*Senador do Amapá pelo PMDB, foi presidente da República*

O Congresso, numa operação relâmpago, derrubou o recesso de 90 dias e acabou com a ajuda de custo para as convocações extraordinárias, existente desde 1892.

O fim da ajuda de custo era necessário. Quando ela foi instituída, o recesso parlamentar era de quatro meses, passados nos estados. Se fossem convocados, tinham despesas extras de longas viagens de navio e tudo mais. Agora, na época dos aviões, deputados e senadores recebendo passagens, a ajuda de custo perdeu justificativa.

Quanto ao recesso parlamentar, é outra a história. A atividade

parlamentar não se exerce só no Congresso Nacional, mas também no trabalho constante junto às bases eleitorais e no contato permanente com a sociedade, cada vez mais exigente na discussão e análise dos assuntos da pauta política, tão diversificada e controversa. E esse contato é essencial também para que o parlamentar conheça de perto as necessidades do povo e do estado que representa.

Não devemos confundir recesso com férias nem comparar a atividade política com serviço público ou empresa privada. Na vida pública não há espaço para férias. Nos países saxônios há um costume de tirá-las, talvez necessárias nos longos invernos.

A imprensa, estranhando a grande pressa com que a matéria foi votada, começou a fazer uma indagação: a pressa do Congresso fora motivada pela opinião pública ou por pressão da mídia? As

duas hipóteses são a mesma coisa. A justificação da imprensa, gozando dos direitos de liberdade que lhe são assegurados, foi idealizada por Jefferson, ao sentir a necessidade de um contraponto à inviolabilidade de palavra dos parlamentares para assegurar ao povo uma tribuna livre para questionar os governos, exercer — como se diz hoje — um controle externo sobre os poderes do Estado.

A imprensa jeffersoniana era um prelo de madeira que imprimia um pequeno jornal de um quarto de página. Hoje, a mídia, em sua globalidade, é o terceiro negócio do mundo, dispondo de instrumentos tecnológicos capazes de divulgar os fatos em tempo real. Assim, a opinião do povo se exerce pelos meios de comunicação que, ou expressam essa opinião ou formam a opinião. Dizia Joaquim Nabuco — e isso há 100 anos — que ninguém tinha condições de se contrapor a uma

contrária onda avassaladora. Hoje, então, nem falar.

O mundo mudou e temos que conviver com a nova força da imprensa, da sociedade civil organizada e da opinião pública apoiada num instrumental de comunicação incontrastável.

Mas não nos esqueçamos de que graças a esses avanços é que sabemos, encantados, que, na Coreia, alguns cientistas fizeram uns porquinhos fosforescentes e de olhos verdes. E, também, que o promotor Eron Santana, de Salvador, pediu um habeas-corpus para Suíça, uma chimpanzé fêmea, para que ela fosse libertada do zoológico. A argumentação foi muito consistente e científica: macaco tem raciocínio e, portanto, direito de ir e vir.

E no meio de todo esse mundo caindo sobre sua cabeça, ainda pensa o Congresso em ter recesso e receber uns trocados. Nem pensar.